

## **Fotojornalismo Esportivo: Dilemas Éticos Na Cobertura Imagética Dos Jogos Paralímpicos Rio-2016<sup>1</sup>**

Neide Maria CARLOS<sup>2</sup>  
José Carlos MARQUES<sup>3</sup>  
Unesp, Bauru, SP

### **RESUMO**

O presente trabalho procura discutir as representações imagéticas divulgadas pelo Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) durante os Jogos Paralímpicos Rio 2016, especialmente o caso das representações construídas sobre a atleta feminina com deficiência. Nossa análise recai sobre as fotografias distribuídas por meio de galeria de imagens criada pelo CPB na plataforma Flickr. Traçamos um recorte a partir da conquista da medalha de ouro pela paratleta Silvânia Costa de Oliveira para verificar o cumprimento das recomendações do próprio Comitê a respeito de padrões de imagens fotográficas a serem produzidas. Tais representações implicariam dilemas éticos dos profissionais da comunicação e da imagem.

**PALAVRAS-CHAVE:** fotografia; fotojornalismo esportivo; esporte; paralimpíadas; jornalismo.

### **Jogos Paralímpicos e a cobertura da Imprensa**

Os Jogos Paralímpicos Rio 2016 aconteceram no período de 7 a 17 de setembro de 2016 na cidade do Rio de Janeiro. Segundo dados do site oficial do Comitê Olímpico Internacional (disponíveis em <https://www.paralympic.org/rio-2016>), estiveram presentes na competição 159 países e 4.333 atletas (2.663 homens e 1.670 mulheres). Foram registrados 220 recordes mundiais em 22 modalidades esportivas,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, Divisão Temática 6 - Interfaces Comunicacionais, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutoranda e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista (Unesp/campus de Bauru). Jornalista graduada pela Universidade do Sagrado Coração (USC-Bauru), e-mail: [neidejornal@hotmail.com](mailto:neidejornal@hotmail.com)

<sup>3</sup> Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e do Departamento de Ciências Humanas da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista (Unesp/campus de Bauru). Doutor em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), e-mail: [zeca.marques@uol.com.br](mailto:zeca.marques@uol.com.br)

com mais de 2 milhões de espectadores nos estádios, ginásios e demais locais de competição.

A primeira iniciativa de realização de competição internacional entre atletas com deficiência ocorreu em 1948 para militares feridos na Segunda Guerra Mundial. Já com a configuração de Jogos Paralímpicos, a primeira edição ocorreu em 1960, na cidade de Roma (Itália). Os Jogos, como são realizados hoje, ocorrem após o encerramento dos Jogos Olímpicos, utilizando as mesmas estruturas para ambas as competições.

Ao longo do tempo, desde sua primeira edição, os Jogos Paralímpicos passaram a ocupar a pauta da imprensa como uma competição relevante, parte da agenda de grandes eventos esportivos internacionais. O linguista francês Patrick Charaudeau, em sua obra *Discurso das Mídias* (2015), destaca que a espetacularização da informação pode levar a um discurso que pouco contribui no processo de informar. “Se olharmos para o público que se informa, reconhecemos que ele é corresponsável do processo de espetacularização do mundo que as mídias nos propõem” (Charaudeau: 2015, p. 253).

Este trabalho, que integra uma pesquisa alargada sobre a imagem da mulher atleta com deficiência na cobertura da imprensa durante os Jogos Paralímpicos Rio 2016, traz a discussão em torno da imagem de uma atleta feminina com deficiência, objeto a partir do qual pautaremos nossas discussões.

O quadro a seguir descreve as medalhas conquistadas pela participação feminina de atletas brasileiras nos Jogos Paralímpicos do Rio. Foram 27 medalhas conquistadas em modalidades disputadas por mulheres durante as competições, entre modalidades individuais e coletivas. Dentre essas 27 medalhas, foram conquistadas três de ouro.

<b>ATLETAS BRASILEIRAS FEMININAS MEDALHISTAS</b>				
	Nome Atleta	Data	Medalha	Modalidade
01	Alana Maldonado	10/09/16	Prata	Judô 70kg
02	Alice Correia	14/09/16	Prata	Revez 4x100m
03	Bocha Mista	12/09/16	Ouro	Bocha mista BC3
04	Bruna Alexandre	13/09/16	Bronze	Tênis de Mesa Individual c110
	Bruna Alexandre	17/09/16	Bronze	Tênis de Mesa classe 6-10
05	Danielle Rauen	17/09/16	Bronze	Tênis de Mesa Classe 6-10
06	Edneusa Dorta	18/09/16	Bronze	Atletismo Maratona
07	Equipe Vôlei Sentado	17/09/16	Bronze	Vôlei Sentado
08	Izabela Campos	09/09/16	Bronze	Atletismo Lança Disco T11

<b>ATLETAS BRASILEIRAS FEMININAS MEDALHISTAS</b>				
	Nome Atleta	Data	Medalha	Modalidade
09	Jennyfer Parinos	17/09/16	Bronze	Tênis de Mesa Classe 6-10
10	Joana Maria Neves	09/0/169	Prata	Natação 4x50m Revez
11	Joana Silva	12/09/16	Prata	Natação 50m livre S5
	Joana Silva	17/09/16	Bronze	Natação 100m livre S5
12	Lorena Spoladore	16/09/16	Bronze	Atletismo Salto dist. F11
	Lorena Spoladore	14/09/16	Prata	Revez 4x100m
13	Lúcia Teixeira	09/09/16	Prata	Judô 57 kg
14	Marivânia Nóbrega	15/09/16	Bronze	Atletismo arremesso Peso
15	Shirlene Coelho	10/09/16	Ouro	Atletismo Dardo F37
	Shirlene Coelho	17/09/16	Prata	Atletismo Lanç Disco F38
16	Silvânia Costa	16/09/16	Ouro	Atletismo Salto dist. F11
17	Susana Ribeiro	09/09/16	Prata	Natação 4x50m Revez
18	Teresinha de Jesus	11/09/16	Bronze	Atletismo 100m T47
19	Terezinha Guilhermina	16/09/16	Bronze	Atletismo 400m T11
	Terezinha Guilhermina	14/09/16	Prata	Revez 4x100m
20	Thalita Simplício	14/09/16	Prata	Revez 4x100m
21	Verônica Hipólito	09/09/16	Prata	Atletismo 100m T38
	Verônica Hipólito	14/09/16	Bronze	Atletismo 400m T38

Fonte: <http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/megaeventos/paraolimpiadas/medalhistas-do-brasil-nos-jogos-paralimpicos-rio-2016> consultado em 01/03/2018

O Comitê Paralímpico Brasileiro (CPBN) realizou a cobertura fotográfica dos jogos e disponibilizou em sua página (<http://www.cpb.org.br/web/guest/historia>) o link para a galeria de fotos (<https://www.flickr.com/photos/cpboficial/albums>) que poderiam ser acessadas e utilizadas pela imprensa e pelos diversos canais midiáticos. Como recorte e foco do nosso trabalho, selecionamos os registros fotográficos disponibilizados pelo Comitê na divulgação da conquista de medalha de ouro pela atleta Silvânia Costa no dia 16 de setembro de 2016. Atleta com deficiência visual e recordista mundial, Silvânia conquistou o ouro no salto em distância na categoria T11.

Nosso objetivo é confrontar, sob uma perspectiva da Análise de Discurso de linha francesa, as imagens fotográficas cedidas pelo Comitê Paralímpico Brasileiro com as recomendações indicadas pelo próprio Comitê quanto à construção da imagem dos atletas com deficiência. Para tanto é preciso esclarecer que, antecedendo aos Jogos Paralímpicos Rio 2016, o CPB disponibilizou um manual de conduta para imprensa, o *Guia para a mídia: Como cobrir os Jogos Paralímpicos Rio 2016*. Através do *Guia*, o Comitê trouxe uma série de recomendações para a cobertura da imprensa, orientações de como proceder na tarefa de informar sobre os jogos, as formas de competição e tudo

o que envolve as modalidades do esporte paralímpico, uma clara percepção de que há um desconhecimento sobre a condição dos atletas com deficiência. O texto detalha questões que envolvem a linguagem a ser utilizada, verbal e não-verbal. O lema dos Jogos, segundo o *Guia* (2016, p. 6), era “*Spirit in Motion*”, definido como o espírito em movimento.

Portanto, deve-se selecionar fotos que mostram os atletas em ação dentro do campo de competição. Ao mesmo tempo em que não se deve focar suas deficiências, também não se deve escondê-las. Os Jogos Paralímpicos se constituem em uma oportunidade única para mostrar as habilidades e a competitividade dos atletas. Lembre-se que os atletas – e não as suas deficiências – devem ser o foco central das imagens! (PAPPOUS e SOUZA, 2016, p. 6)

Os autores elencam tipos de imagens que devem ser evitadas: poses que conotem passividade, que enfatizam e focam a deficiência, recortes que possam intencionalmente esconder a deficiência, imagens de isolamento dos atletas que conotem angústia ou tristeza, e fotos que ressaltem falhas ou quedas. Será através destes elementos que pautaremos nossa análise buscando verificar o cumprimento desses requisitos pelos profissionais da imagem a serviço do próprio Comitê Paralímpico, tomando o caso da atleta Silvânia Costa como .

Ao mesmo tempo, o *Guia* (2016) traz uma série de características que fariam das fotos de imprensa uma representação do que os autores definem como “espírito atlético”. Contribuiriam, então, para a produção de sentido de competitividade e euforia dos atletas, os quais seriam retratados preferencialmente no contexto de disputa dos jogos. Segundo o *Guia* (2016), por meio das imagens pode-se promover o empoderamento dos atletas paralímpicos focando sua atuação dentro do campo de competição, destacando-se características próprias do esporte, como o uso de roupas esportivas nos momentos de ação e o destaque no gestual próprio da competição, sem perder de vista que não se deve esconder a deficiência, ao mesmo tempo em que não se deve focar exclusivamente nela.

A questão da pessoa com deficiência é tratada no *Guia* (2016) de forma a que se naturalize a presença física desses atletas, um reconhecimento da dificuldade do profissional de imprensa em lidar com a questão da pessoa com deficiência. Os autores ditam normas de conduta para a aproximação e abordagem dos atletas. Recomendações como a necessidade de se dirigir diretamente aos indivíduos, correspondendo ao grau de

deficiência apresentado pelo entrevistado, interpretando suas necessidades e perguntando, se necessário, e em caso de dúvidas, sobre o grau de necessidades especiais do atleta. Trata-se aqui de um claro reconhecimento da inquietação e da falta de naturalidade ao se tratar com pessoas com deficiência – condutas próprias da nossa sociedade.

David Le Breton (2007, p. 73), assinala que “a relação social estabelecida com o homem que tem uma ‘deficiência’ é um profícuo analisador da maneira pela qual um grupo social vive a relação com o corpo e a diferença”. A ordem da experiência estética se vê confrontada assim com a desordem nos estereótipos construídos socialmente sobre o corpo.

Em *O corpo como sintoma da cultura*, Lucia Santaella (2004, p. 147) aponta que “o corpo humano, nos diz a psicanálise, é um corpo pulsional, ao mesmo tempo que é um corpo imaginário e também um corpo simbólico”. O *Eu* não nasceria pronto, ele se desenvolveria através do tempo, demarcado pela percepção de si mesmo e do outro. Como define Santaella (2004, p. 151), “no simbólico, o corpo é aparelhado pela linguagem”.

Na relação com o outro nos estabelecemos como seres sociais e passamos a nos adequar a determinadas imposições de comportamento e conduta. É do corpo material que se cria a presença na imagem. Os objetos da comunicação de que derivam as imagens e os discursos sobre o corpo não se impõe apenas por uma estrutura, são formas de afetação que se estabelecem no diálogo com outros corpos.

### **Conflitos éticos no fotojornalismo**

As imagens que são produzidas e colocadas em circulação pela imprensa podem reforçar e ajudar a naturalizar certos estereótipos sobre o corpo com deficiência. E é nesse sentido que se iniciam os dilemas éticos que envolvem o trabalho do profissional da comunicação e da imagem. Há o risco de se reforçar a ideia de fragilidade ou de limitação dos atletas, uma vez que o esporte é uma forma de se confrontar limites do corpo.

Como toda categoria profissional, também o jornalismo possui seus códigos de ética e de conduta. Dentro do campo jornalístico, o profissional da imagem deverá se enquadrar a regras pré-determinadas, também reconhecendo as exigências próprias do seu campo de atuação. Dentro dessas normas institucionalizadas, não se encontram

---

especificados os dilemas éticos em relação ao corpo com deficiência, ficando o profissional entre a estética da imagem e um certo julgamento “moral” sobre os limites da dignidade da pessoa com deficiência.

Fotografias sempre sofreram algum tipo de manipulação, seja na produção ou na pós-produção. Há uma falsa impressão de que tais ações de manipulação passaram a interferir de modo mais enfático nas imagens com o desenvolvimento da tecnologia e do uso de imagens digitais. Na verdade, controles e interferências no processamento de imagens sempre estiveram presentes no uso que se faz da fotografia. O debate ético-deontológico confronta as formas de utilização da imagem ao longo do tempo em suas transformações, aplicações, usos e possíveis interferências realizadas pelo filtro da produção e da edição.

Para *Ciro Marcondes Filho* (2009), o jornalismo não deveria ser acusado de modificar ou mutilar o real, uma vez que ele cria ficções. “Acusar o jornalismo de manipulação é incorreto porque isto tem a ver com o debate lógico entre essência e aparência, real e falsificação”, destaca *Marcondes Filho* (2009, p. 182). Ainda assim, o jornalista não se isenta da responsabilidade de criar ficções do real uma vez que tais ficções passam a ser partilhadas com status de realidade.

Sempre que se fala em conflitos éticos do fotojornalismo, existe uma tendência a se pensar, logo de início, na questão da manipulação da imagem. O Capítulo III do Código de Ética do jornalista (<http://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros.pdf>), que dispõe sobre o dever e a responsabilidade profissional do jornalista, destaca que se deve “rejeitar alterações nas imagens captadas que deturpem a realidade, sempre informando ao público o eventual uso de recursos de fotomontagem, edição de imagem”, aponta também para a indicação de quaisquer outros recursos de manipulação.

A seguir, o mesmo capítulo dispõe sobre o direito do profissional em obter determinadas imagens ou não, questões também ligadas aos direitos e deveres do jornalista. E, nesse caso, aos direitos e deveres do fotojornalista. Os códigos tratam de forma generalista o exercício da profissão em relação a direitos e deveres. Tais normas não contemplam dilemas ligados a valores “morais” e a dignidade humana, conforme aponta o já citado *Jorge Pedro Sousa*:

Os argumentos que se esgrimem no domínio da ética das imagens nem sempre são claros, evidentes ou satisfatórios quando vistos de ângulos

---

diferentes. De qualquer modo, tal como diz Tester (1995, p. 471), a difusão de representações imagísticas de outros seres humanos tem implicações morais e pode ser uma das bases de reconhecimento de obrigações morais entre as pessoas. (SOUSA, 2002, p. 137)

O desafio deontológico para um grupo socioprofissional, nas palavras de Patrick Charaudeau (2015), implica algumas condições. Primeiro, que exista a iniciativa para se definir uma conduta moral para o exercício da prática profissional. Segundo, estabelecidas as regras de conduta, tais normas deverão ser seguidas pelos membros do grupo. E, por fim, que se estabeleçam formas de monitoramento, mecanismos de autorregulação. Para Charaudeau (2015, p. 263), há duas questões que se opõem a necessidade de reflexão deontológica: “os discursos de justificativa da profissão diante das críticas que são feitas e a recusa em considerar que o que se poderia chamar de verdade da informação encontra-se preso numa armadilha”.

O capítulo II do Código de Ética dos jornalistas, que versa sobre a conduta desse profissional, destaca em seu Artigo 6º que é dever do jornalista “defender os direitos do cidadão, contribuindo para a promoção das garantias individuais e coletivas, em especial as das crianças, dos adolescentes, das mulheres, dos idosos, dos negros e das minorias”. Também nesse artigo, é apontado como conduta necessária ao jornalista “combater a prática de perseguição ou discriminação por motivos sociais, econômicos, políticos, religiosos, de gênero, raciais, de orientação sexual, condição física ou mental, ou de qualquer outra natureza”.

É fato que a imprensa tem papel fundamental dentro das sociedades democráticas e deve se pautar por seus princípios éticos. Seria, portanto, na criação de um conjunto de normas através de um consenso que se regulariam os conflitos nascidos na tarefa de comunicar. O julgamento coletivo estaria, dessa forma, representado numa opinião da maioria. Ainda assim, na vigência de um Código de Ética do jornalismo, surgem as críticas que são respondidas com diferentes argumentos que não configuram uma autocrítica da própria imprensa. Caso, por exemplo, da exploração dos dramas humanos pela imprensa e que são respondidos com argumento do direito e do dever de informar. Fica no âmbito das questões que seriam impostas aos meios de comunicação que decidiriam por não mascarar o que chamam de realidade.

Jorge Pedro Sousa (2002, p. 135) enfatiza ainda a “importância do debate ético e deontológico no campo do fotojornalismo”. Por ser um recorte, a fotografia se apresenta por uma perspectiva do fato ou do tema, ela é produzida sob determinado ponto de

vista. Imagens de violência, por exemplo, estão constantemente no centro da discussão ética que envolve o fotojornalismo. Sousa (2002) destaca o papel social do profissional da comunicação, incluindo o profissional que produz as imagens.

Fato é que as representações sociais são formuladas a partir das nossas relações. Serge Moscovici (2003) reconhece a importância da comunicação na elaboração de representações que farão parte do imaginário partilhado socialmente.

Em síntese, as representações sustentadas pelas influências sociais da comunicação constituem as realidades de nossas vidas cotidianas e servem como o principal meio para estabelecer as associações com as quais nós nos ligamos uns aos outros. (MOSCOVICI, 2003, p. 8)

Sousa (2002, p. 139), por sua vez, discute que, através da fotografia, existiria uma identidade na representação do outro que pode ser interpretada, carregada em si de um significado de ação moral. Imagens fotográficas que sustentam significados em sua superfície. A partir dessas asserções, pode-se fazer duas considerações:

1) a estética do fotojornalismo, ao afectar as representações que se constroem dos outros e de outros seres, tem implicações morais e éticas que devem ganhar expressão deontológica; e 2) em todo o caso, um determinado conteúdo estético pode criar ou reforçar empatias, pelo que a questão do inter-relacionamento entre a estética e a moral se mantém. Embora a questão possa ser problemática, o sofrimento fotograficamente representado, por exemplo, pode produzir solidariedades. (SOUSA, 2002, p. 139)

As imagens produzidas pelo fotojornalismo circulam pelos meios de comunicação com o propósito de serem partilhados. Sousa (2002, p. 136) destaca que "é bom não esquecer, como diria Cassirer, que as representações imagísticas que os seres humanos fazem deles mesmos definem antropologicamente a humanidade". Sousa (2002) acrescenta ao debate a questão do efeito das imagens sobre os diferentes públicos, com suas diferentes formas de leitura. Segundo o autor, destacando o exposto por Colson (1995), há que se considerar a dificuldade em se interpretar a conotação fotográfica, além do fato que o contexto onde circula a imagem pode direcionar a sua interpretação. Outro fenômeno interessante a se destacar, do que aponta Colson, segundo Sousa (2002), seria uma tendência do observador a ver suas próprias projeções nas fotografias com as quais se vê confrontado.

Sousa (2002, p. 142) descreve também dezoito pontos principais para o debate ético e deontológico no campo do fotojornalismo. Aqui destacamos alguns desses

---

pontos, por sua relevância com o nosso tema. A exemplo disso, o “tratamento discriminatório e estereotipização ou reforço da estereotipização das pessoas em função da idade, do sexo, da cor ou da raça, da nacionalidade, das crenças, do aspecto físico e (por vezes) da deficiência, das profissões, etc.”. A descontextualização das imagens através de seu recorte, seu uso ou sua apresentação em contexto diferente de seu lugar de produção, resultando no desvio de sentido de tais imagens. Consideramos que as imagens disponibilizadas pelo CPB não serão por este órgão fiscalizadas, a não ser pela prévia recomendação expressa em seu *Guia para a Imprensa* (2016).

## **Os Discursos**

É por meio dos discursos, materializados pela linguagem, que se constroem os sentidos e se buscam resoluções para os dilemas da comunicação. Tais respostas ou construções podem incorrer em formas equivocadas de se tratar determinados temas. Pontuamos aí a relevância em discutirmos a influência dos discursos nas questões que envolvem estereótipos sobre o corpo. Charaudeau (2006) versa sobre a responsabilidade das mídias na produção de sentido sobre os acontecimentos sociais. O autor (2006, p. 33) afirma que se trata “da linguagem enquanto ato de discurso, que aponta para a maneira pela qual se organiza a circulação da fala numa comunidade social ao produzir sentido”.

Códigos de conduta profissional se configuram também em recursos para dar forma e resposta aos dilemas éticos que se encontrem implícitos no discurso, seja ele discurso visual ou verbal. Segundo Charaudeau (2006, p. 271), “o cidadão, não nos esqueçamos, só pode consumir a informação que lhe é servida”, e acrescentamos, na forma como lhe é apresentada.

Em relação ao atleta com deficiência, é possível afirmar que a imprensa se depara com o desafio de reportar os fatos que envolvem o esporte paralímpico, se confronta com seu próprio desconhecimento dos modos de competição de PCDs. Charaudeau (2006, p. 92) afirma que “a instância midiática acha-se, então, ‘condenada’ a procurar emocionar seu público, a mobilizar sua afetividade, a fim de desencadear o interesse e a paixão pela informação que lhe é transmitida”. Para tanto, é prática constante a utilização de estratégias discursivas carregadas de estereótipos como forma de mobilização da audiência.

---

A pesquisadora Maria do Rosário Gregolin, no artigo *Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades* (2007), ao analisar imagens da imprensa destaca o papel dos discursos midiáticos no processo de construção de identidades sociais. Nosso contraponto tem a ver com a preocupação do Comitê Paralímpico Brasileiro expressa no *Guia* (2016) para imprensa em não se construir sujeitos vitimizados, mas atletas aptos para a competição – sejam eles homens ou mulheres. Questionamo-nos até que ponto podem estar expressos tais embates nas imagens de uma atleta medalhista, principalmente considerando a sua conquista, a medalha de ouro, feito máximo no esporte paralímpico. Nas palavras de Gregolin (2007):

A análise do discurso, campo de pesquisa solidamente instalado no Brasil, interessa-se cada vez mais em tomar a mídia como objeto de investigação. A articulação entre os estudos da mídia e os de análise do discurso enriquece dois campos que são absolutamente complementares, pois ambos têm como objeto as produções sociais de sentidos. (GREGOLIN, 2007, p. 13)

Para Gregolin (2007), por meio do discurso da mídia são construídas relações com uma realidade concreta que se pauta também no imediatismo da forma como são produzimos e colocados em circulação os efeitos de sentido discursivos. Propomos assim, a verificação dos documentos imagéticos postos em circulação pelo Comitê Paralímpico, imediatamente após os eventos dos jogos, tendo como ponto principal de verificação as recomendações do *Guia para a mídia: Como cobrir os Jogos Paralímpicos Rio 2016*.

## **Análise**

A seguir, apresentamos oito fotografias da atleta Silvânia Costa registradas durante a disputa da final do Salto em distância T11, no Estádio Olímpico, realizada no dia 16/09/2016, durante os Jogos Paralímpicos do Rio. Tais imagens se encontram disponíveis em galeria do site *Flickr* como parte do material de divulgação dos jogos produzido por profissionais a serviço do Comitê Paralímpico Brasileiro. Como apontamos anteriormente, o CPB realiza a cobertura fotográfica dos jogos e disponibiliza-a em sua página o link para a galeria de fotos (<https://www.flickr.com/photos/cpboficial/albums>), as quais podem ser acessadas e utilizadas pela imprensa e por diversos canais midiáticos.



**Figura 1.** Atleta Silvania Costa, disputa a final do Salto em distância T11, no Estádio Olímpico, em 16/09/2016, durante os Jogos Paralímpicos Rio 2016. Silvania foi medalha de ouro.

Crédito: Marcio Rodrigues/MPIX/CPB



**Figura 2.** Atleta Silvania Costa, disputa a final do Salto em distância T11, no Estádio Olímpico, em 16/09/2016, durante os Jogos Paralímpicos Rio 2016. Silvania foi medalha de ouro.

Crédito: Marcio Rodrigues/MPIX/CPB



**Figura 3.** Atleta Silvania Costa, disputa a final do Salto em distância T11, no Estádio Olímpico, em 16/09/2016, durante os Jogos Paralímpicos Rio 2016. Silvania foi medalha de ouro.

Crédito: Marcio Rodrigues/MPIX/CPB



**Figura 4.** Atleta Silvania Costa, após a final do Salto em distância T11, no Estádio Olímpico, em 16/09/2016, durante os Jogos Paralímpicos Rio 2016. Silvania conquistou a medalha de ouro.

Crédito: Marcio Rodrigues/MPIX/CPB



**Figura 5.** Atleta Silvania Costa conquista a medalha de ouro no Salto em distância T11, no Estádio Olímpico, em 16/09/2016, durante os Jogos Paralímpicos Rio 2016.  
Crédito: Daniel Zappe/MPIX/CPB



**Figura 6.** Atleta Silvania Costa conquista a medalha de ouro no Salto em distância T11, no Estádio Olímpico, em 16/09/2016, durante os Jogos Paralímpicos Rio 2016.  
Crédito: Daniel Zappe/MPIX/CPB



**Figura 7.** Atleta Silvania Costa conquista a medalha de ouro no Salto em distância T11, no Estádio Olímpico, em 16/09/2016, durante os Jogos Paralímpicos Rio 2016.  
Crédito: Daniel Zappe/MPIX/CPB



**Figura 8.** Atleta Silvania Costa conquista a medalha de ouro no Salto em distância T11, no Estádio Olímpico, em 16/09/2016, durante os Jogos Paralímpicos Rio 2016.  
Crédito: Daniel Zappe/MPIX/CPB

---

Na primeira série de fotos, **Figuras de 1 a 3**, as imagens destacam a ação esportiva da atleta. A composição dessas imagens traz a figura de Silvânia em plena ação e destacada através do foco. Percebe-se a arena esportiva pelas características do cenário, mesmo que o foco privilegie o primeiro plano. Silvânia usa um par de óculos, o que transmite a sensação de que a sua deficiência deve estar nos olhos. Fica claro na imagem o tipo de esporte praticado, o salto em distância. Já na fotografia da **Figura 4**, a atleta aparece numa imagem de comemoração, gestos típicos de vitória e expressão de realização. A bandeira na mão e o gesto dos braços ao alto de Silvânia conotam o sentido da comemoração. No recorte dessa imagem a atleta não parece ter qualquer tipo de deficiência.

Já na série de fotos seguintes, **Figuras 5 a 8**, temos o momento em que a atleta já recebeu sua medalha. Nas duas primeiras imagens, **Figuras 5 e 6**, o gesto é de emoção; poderia, inclusive, conotar tristeza, mas a presença da medalha no pescoço da atleta traz a percepção da emoção pela vitória. O uniforme diferente reforça a ideia de que é outro momento da competição. Nas duas imagens finais, **Figuras 7 e 8**, a expressão e os gestos são de alegria. Na **Figura 8**, Silvânia repete o gesto estereotipado do atleta que obteve êxito: ela beija a medalha conquistada, imagem recorrente no fotojornalismo esportivo para expressar vitória.

Em todas as oito fotografias a composição privilegia o esporte e a competição; transmite-se a ideia da conquista e do êxito, sem que para isso a deficiência da atleta tenha que ser realmente percebida. Ao mesmo tempo, Silvânia Costa possui um tipo de deficiência que não altera visivelmente suas características corporais. Ainda assim, tomando como ponto de análise as recomendações do *Guia para a mídia: Como cobrir os Jogos Paralímpicos Rio 2016*, as imagens de Silvânia Costa disponibilizadas pelo Comitê Paralímpico Brasileiro, no dia 16 de setembro de 2016, data em que conquistou a medalha de ouro, privilegiam a imagem de êxito no esporte. As poses conotam ação. Foco e ângulo identificam claramente a identidade da atleta, e as fotos insinuam a sua deficiência e, portanto, não a escondem. Na forma como desenvolvemos nossa análise, todas as fotografias cumprem as recomendações do *Guia*.

## Discussões Finais

Há um dilema que se impõe ao profissional da imagem, ao fotojornalista, sobre a maneira de retratar modalidades esportivas das quais ele possui pouco ou nenhum conhecimento. Dilemas que se intensificam na aproximação a condição dos atletas com deficiência. Apesar da inclusão das Paralimpíadas na agenda de cobertura da imprensa de grandes eventos esportivos, há ainda alto desconhecimento sobre as modalidades dos Jogos Paralímpicos e a forma de aproximação ao atleta com deficiência.

O *Guia* distribuído pelo Comitê Paralímpico Brasileiro tenta cobrir algumas lacunas nesse desconhecimento da imprensa sobre as modalidades do esporte paralímpico. Ainda assim, o próprio *Guia* tem uma percepção equivocada do atleta com deficiência quando tenta impor uma estética visual que se confunde com a busca por uma tentativa de não vitimizar esses atletas. É preciso considerar que é próprio do esporte a superação das limitações do corpo, como demonstrado em imagens que conotam força e esforço físico. Poderia configurar, portanto, uma preocupação em desviar o foco da deficiência, que também pode comprometer características que são próprias do esporte.

O próprio código de ética profissional da imprensa trata essas questões ligadas ao corpo de forma generalista. Não só essa temática, mas muitas das questões que se impõem ao profissional da imprensa no exercício profissional se encontram mal esclarecidas pelas normas de conduta estabelecidas. Assim, cabe ao profissional o julgamento e o entendimento das formas de se tratar o tema com o qual se depara, o que pode implicar em discursos estereotipados.

Trata-se de tomadas de decisões sobre quais seriam os tipos de imagens que não resultariam em espetacularização das limitações humanas impostas pela deficiência, ao mesmo tempo em que se demonstra a superação através do esporte. Passados os dilemas éticos, vencido o filtro do profissional da imagem e da imprensa, são produzidas as imagens que serão apresentadas a uma audiência também pouco acostumada ao esporte visto sob a perspectiva da pessoa com deficiência.

## REFERÊNCIAS

AUMONT, J. A *imagem*. São Paulo: Papirus Editora, 1993.

---

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2015.

Código de ética dos jornalistas, Associação de Repórteres Fotográficos e Cinematográficos no Estado de São Paulo, disponível em [https://www.arfoc-sp.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=486&Itemid=421](https://www.arfoc-sp.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=486&Itemid=421). Acesso em: 29 jun. 2019.

GREGOLIN, M. R. **Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades**. Revista comunicação, mídia e consumo. São Paulo, Vol.4, n.11, p.11-25, nov.2007.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

LE BRETON, D. **As paixões ordinárias: antropologia das emoções**. Petrópolis: Vozes, 2009.

MARCONDES FILHO, C. **Ser jornalista: o desafio das tecnologias e o fim das ilusões**. São Paulo: Paulus, 2009.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais; investigações em psicologia social**. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

PAPPOUS, A. e SOUZA, D. L. **Guia para a mídia: Como cobrir os Jogos Paralímpicos Rio 2016**, disponível em <https://static.kent.ac.uk/media/news/2016/05/GUIA-paralimpicos.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2019.

SANTAELLA, L. **O corpo como sintoma da cultura**. Revista Comunicação, Mídia e Consumo. Vol. 1, N. 2, P. 139 – 157, 2004. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/17>. Acesso em: 29 jun. 2019.

SOUSA, J. S. **Fotojornalismo Uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Porto, 2002. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-fotojornalismo.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2019.